



**FERNANDO ILHARCO**  
Professor na Universidade  
Católica Portuguesa

## Vertigem, 20 anos

“**V**ertigem - Tendências para o século XXI”, livro da autoria de Fernando Ilharco, colunista do *Jornal de Negócios*, fez 20 anos. Um texto sobre mudança, robôs, informação, globalização, tecnologia, que podia ter sido escrito hoje.

Ninguém está interessado em nada que demore muito tempo. A história está sempre a desmentir-se num fluxo permanente de factos, acasos, rumores, especulações, imagens, suspeições e contradições. Os bons e os maus mudam de papéis a cada momento. As notícias são sobre as notícias. E quem parar perde (101; a seguir a cada parágrafo, entre parênteses, o número da página do texto no livro de 1998).

Se alguém está à espera que a sociedade da informação seja uma espécie de sala de estar, cheia de ecrãs, de computadores, de gente bem penteada, simpática, culta e bem informada, então é melhor sentar-se. (...) A sociedade da informação (...) vai ser a maior confusão de que há memória (143).

Anova tecnologia gerou a globalização como uma nova forma de compreender o mundo. Ao fazê-lo desarmou populações inteiras da sua maior defesa: a distância. O espaço não é mais um filtro das histórias, uma barreira anti-pormenores, ou um mecanismo de desfazamento temporal. O que agora tem que ver com tudo, não é só o que interessa. É também o que não interessa (200).

### Os robôs não recebem salários

Como os robôs não recebem salários, não falam, nem se sentem mal, não recorrem aos tribunais, nem aos media, e ainda por cima são consistentes e insensíveis à rotina, têm à sua espera todas as actividades humanas que são rotineiras, repetitivas e previsíveis. Tanto as actividades físicas - cujo controlo ganharam com a revolução industrial - como as actividades intelectuais - cujo controlo se preparam para receber com a revolução da informação (348).

A lógica competitiva do século XXI é a localização global de tudo:

marketing, I&D, mão-de-obra, matérias-primas, produção, tecnologia, gestão, finanças, impostos, mercados, etc. Tomando todo o planeta como base, a empresa global relocaliza os seus processos e funções, logo que detecta subidas no rácio “output/input” (58).

A informação não é um recurso como os outros. É um anti-recurso. Com informação mais precisa e mais atempada sobre a oferta, a procura, e o processo produtivo, necessitamos cada vez de menos pessoas, escritórios, armazéns, capital, equipamentos para fazer produtos cada vez mais adequados a cada cliente singularmente considerado (304).

Quanto mais conhecimento intensivo dão as acções, mais não lineares se tornam; mais fácil é um pequeno “input” em qualquer parte do mundo neutralizar um enorme investimento (311).

### O roubo de um futuro tranquilo

A maioria da população viu ser-lhes roubado um futuro tranquilo. Os desempregados ou “em-breve-desempregados” trocam sem hesitar promessas de bem-estar e de segurança material pela liberdade e pela democracia. A igualdade de oportunidades, a presunção da inocência, o princípio do contraditório, são trocos quando comparados com o que está em causa (52).

As ideologias colectivistas foram as primeiras a cair. Mas também já é tarde demais para as democracias parlamentares, que ao ganharem a guerra do velho mundo estão prestes a perder a do novo. Ao libertar a potencialidade criadora e inovadora do indivíduo, a nova tecnologia está a desligar todos e cada um de nós dos representantes tradicionais (61).

[Na] fractura mais actual e mais explosiva da América (...) vemos de um lado os partidários da velha América - Deus, família, ordem, autoridade, “os americanos primeiro”, etc. Do outro lado, está um novo tipo de sociedade: os partidários não da América, mas de um mundo americano, global e digital (160).

A globalização gera dois movimentos simultâneos, mas divergentes, de fuga ao Estado soberano. Por um lado, existe uma substancial transferência de soberania para organizações supra-estatais. Por outro lado, existe uma tendência inequívoca para o deslizar do poder para a região, a cidade e para o local (125).

O tempo é outra vez de Descobrimientos. Só que desta vez vão ser ao contrário. Quanto mais os outros nos descobrirem, melhor para nós. Num mundo globalizado, uma das principais actividades dos políticos é “vender” a atractividade dos seus locais. Não é uma moda, nem uma actividade menor. É uma das funções que se perspectivam para um Estado em mutação (242).

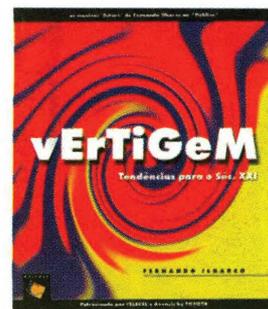
Os cidadãos anónimos que durante um século foram a fonte de poder das elites, legitimadas através do sufrágio universal, estão a tornar-se a fonte de poder dos novos media, legitimados através das audiências. O compromisso de fundo dos media é com os mercados. O resto são acordos pontuais (92).

### Quem está onde a fazer o quê

O nuclear já tem sucessor. Para variar é a informação. Na política internacional, a dissuasão baseada na capacidade de destruir os outros (nuclear) está a ser substituída pela capacidade de evitar que os outros nos destruam (informação) (309).

Entidades públicas e organizações privadas têm vindo a constituir autênticas “war rooms”: centros de captação de todo o tipo de dados e de informações que possam servir os seus interesses. Lá fora, oceanos de dados são gerados por todo o lado. O resultado é uma enorme zona cinzenta, insegura e ambígua. (305).

Quem está disponível para o quê? Quando e pagando que montante? A resposta a esta pergunta é, como calculam, um jackpot diário. Ao contrário do que o nome possa sugerir, as bases de dados não são nem maçadas, nem difíceis de utilizar. Quem sabe o que são bases de dados relacionais sabe como estamos per-



**Vertigem - Tendências para o Séc. XXI**  
Autor **Fernando Ilharco**

to da ilusão se tomar realidade (344).

O traço digital deixado por cada um de nós “oficialmente” não existe. São fragmentos de um puzzle gigantesco. Pretensamente impossível de montar. Mas meia dúzia de entidades podem reconstruir o filme todo em escassos minutos. Menos entidades ainda, com alguma imaginação e muita tecnologia, podem fazê-lo ainda mais depressa. É uma questão de dinheiro dizia o mágico Copperfield (84).

“Demasiada gente está a ver que ganhámos”, queixava-se um militar de alta patente dos EUA (...) Os inimigos já não são os mesmos de sempre: Estados, nações, exércitos. Há por aí gente com outra forma de entender as coisas: “Os novos inimigos têm outro entendimento do mundo”, “querriam doutra maneira”. Alguns dos novos inimigos e das novas guerras estão em curso: terrorismo internacional, impérios criminosos globais, cartéis da droga, Estados párias (64).

Nunca na história dois países onde existissem McDonald's estiveram em guerra um contra o outro. Nos Mc-países as pessoas não gostam de combater em guerras; elas gostam de esperar em fila pelos hambúrgueres. Esta teoria alerta para o potencial de conflito em três zonas do globo: Síria, Líbano e Israel; Índia e Paquistão; e as duas Coreias (176). ■

A nova tecnologia gerou a globalização como uma nova forma de compreender o mundo.